

Cubano expõe retrospectiva de carreira

José Alberto Figueroa documentou Revolução Cubana na vida íntima, queda do Muro de Berlim e 11 de Setembro

Artista registrou família que encolhia com mudanças para Miami após chegada de Fidel Castro ao poder

ISABELLA MENON
DE SÃO PAULO

José Alberto Figueroa foge do comum. Suas fotografias mostram um lado da Revolução Cubana raramente visto na mídia. O mesmo ele faz na queda do Muro de Berlim, retratada sem celebração ou pessoas com martelos sob o maior símbolo da Guerra Fria, mas com um cenário vazio e sombrio.

A Caixa Cultural abre nesta quarta (10) uma retrospectiva dos 50 anos da carreira do fotógrafo cubano.

Nas 69 imagens, Figueroa brinca com contradições e mostra o seu ponto de vista a partir dos retratos. Na série sobre a queda do Muro de Berlim, vê-se o olhar do artista como um cubano que presencia o declínio do socialismo.

“Eu sabia que, após aquele momento, eu poderia passar daquela linha que dividia a Alemanha Ocidental da Oriental, mas algo me impedia”, relembra o fotógrafo em entrevista à **Folha**.

MEDO

Ele estava em Nova York no dia do ataque às Torres Gêmeas em setembro de 2001. “Minha filha diz que eu tive medo”, diz o artista se referindo a Cristina Figueroa responsável pela curadoria da mostra.

O fotógrafo acredita que algo importante aconteceu a partir daquele dia: os americanos teriam se sentido ameaçados pela primeira vez.

“Eles sempre se acham os melhores do mundo e que nada acontecerá com eles”, diz o fotógrafo, destacando que a vida de um cubano é um medo constante.

“Refletia sobre qual seria o futuro de Cuba após o ataque”, e lembra que, depois daquele dia, Cuba entrou para a lista de países considerados terroristas pelos EUA.



Fotos José Alberto Figueroa/Divulgação



Mãe do fotógrafo se despede de Cuba em 1967, durante a Revolução Cubana (no alto); acima, Muro de Berlim

Assim como havia feito cerca de dez anos antes em Berlim, ele fotografou avenidas vazias de Nova York após o ataque que abalou o mundo.

“Ouvia de algumas pessoas que Fidel Castro seria um possível responsável pelo ataque”, diz.

Apesar dos cliques em diversos momentos históricos, Figueroa revela que até hoje sente-se desconfortável ao clicar lugares que não estejam relacionados a Cuba.

“Não sei explicar direito isso, mas, por exemplo, tenho netos e família em Miami e até hoje quando viajo para lá não consigo fotografar nada.”

FAMÍLIA

Em quatro seções, a mostra segue uma cronologia que começa com a Revolução Cubana e passa por fatos que a sucederam, como guerra de independência de Angola.

A primeira parte, chamada “Pessoas da História”, mostra a década de 1960. À época, Figueroa estava no início da carreira, com 20 e poucos anos, e fotografava seus familiares e jovens cubanos.

Ele conta que, naquela época, fotografava para ter recordações, mas que “tudo em Cuba se torna político”.

No início da Revolução, era necessário pedir autorização para deixar o país, e aqueles que o deixavam não eram mais considerados cubanos.

Ele passou a fotografar seus parentes a cada vez que alguém recebia permissão para deixar o país. O resultado foi uma sequência de fotos de uma grande família que foi se esvaziando até sobram apenas quatro pessoas.

Sua mãe foi a última a receber a permissão e se mudar para Miami. “Nos despedíamos das pessoas sem saber se as veríamos de novo. Vi minha mãe 13 anos depois que ela deixou Cuba e apenas por uma semana”, conta ele.

UM AUTORRETRATO CUBANO

ONDE Caixa Cultural, praça da Sé, 111, tel. (11) 3221-4400

QUANTO entrada gratuita

QUANDO de 10 de janeiro a 4 de março, ter. a dom. das 9 às 19h